

GODÔ

UMA CRÔNICA, UM CONTO

*José Luiz Pereira da Costa*

A África começava a despertar tímido interesse entre os jornalistas da época do teletipo e da radiofoto. Assim, o convite feito e aceito pelo colega Luiz Carlos Costa, do Correio do Povo, para ir conhecer a África do Leste – Moçambique em especial – foi muito comentado, eis que mereceu, em sua volta, nobres espaços nas edições do caderno dominical daquele jornal.

Morávamos, o Costinha e eu, em um dos maravilhosos conjuntos – casas de quatro quartos espaçosas, do Banco Nacional da Habitação – de uma cooperativa majoritariamente para jornalistas. Em um churrasco dominical, com a matriz das fisionomias que registrou nas andanças por aquela África, numa tirada definiu que eu descendia de povos da Etiópia – o meu nariz, a tonalidade da pele, os lábios e o cabelo.

Eu já havia me ocupado em pensar e pesquisar sobre as tantas diversas etnias que foram trazidas, ao tempo do tráfico, para o Brasil. Em minha primeira viagem à África, 1974, registrei em um dos artigos que publiquei no mesmo jornal do Costinha, em especial, a quantidade de parentes e amigos que vi nas ruas de Dakar – se não eram realmente parentes, tinham inquestionavelmente a fisionomia de muitos desses seres meus próximos.

Num de meus escritos, procuro intensamente mostrar a diversidade contida nos africanos que aqui chegaram e, mesmo, nos seus descendentes, tantos anos após o desembarque. Sob o título “As Nações”, fui mostrando as afinidades ou os antagonismos de vizinhos – mesmo de familiares, face aos casamentos entre descendentes de diferentes etnias africanas.

Da mesma forma, escrevi sobre o padecimento de reis e rainhas, mestres de metais, médicos ou professores, trazidos para servir a senhores quase sempre menos civilizados do que eles próprios. Em um ensaio sobre o Poder Negro (Black Power) o mestre da literatura norte-americana Richard Wright, registra o horror que deve ter passado, rezando por seus ancestrais, o rei dos achantis, etnia de um moderno pensador transnacional, preso numa masmorra do castelo São Jorge da Mina, El Mina, antes de ser despachado para longe de seu reino.

Ainda noutro escrito, me detenho ficcionalmente a narrar a vida de um bom velhinho cujo prazer era contar histórias, ouvidas de seus antigos vindos da África, para os meninos de sua vizinhança. Seria ele lá na terra perdida, como um irmão não escravizado, um griot – bardo.

Na minha juventude, passada nos domínios do Clube Náutico Marcílio Dias – tempos de acirrada discriminação de cor – havia um companheiro, seu apelido – quase todos tínhamos apelidos carinhosos entre nós mesmos – era Godô. Poderia ser a abreviação de Godofredo,

mas este não era seu nome; quem sabe Godinho, como meu companheiro e amigo? Mas não era, também.

Contudo, seu sobrenome me intrigava. De onde teria vindo seu Abencerrage?

Quando da Emancipação, nos Estados Unidos, sem conta foram os libertos que abandonaram nomes e sobrenomes de seus antigos amos, escolhendo a seu arbítrio a verdadeira primeira identidade civil. Dentre estes se conta Booker Taliaferro Washington. Sempre foi Booker, e parece que disto gostava; sua mãe o cognominava Taliaferro (origem italiana?). Porém, este escravo que virou nobre, dentro do conceito de nobreza em seu país: surgir do nada e com o sucesso espargir benemerência – em homenagem a um dos fundadores da nação norte-americana, registrou-se civilmente como Booker T. Washington. E criou uma instituição de ensino técnico para os egressos das senzalas, pujante ainda hoje.

Então, começo, aqui, a fantasiar e transformo uma crônica em um conto, como se segue:

Joan era o avô de Godô. Nunca fora escravo e sabia muito bem como viera parar no Brasil e, aqui chegado, teve residência fixada em Porto Alegre. Seu amo, numa relação que não envolvia a condição servil completa – diferia dos realmente escravos de alguém. Essa sua relação com o senhor espanhol fora muito liberal, quanto à cultura. Assim que, Joan havia lido muitos dos bons livros de seu patrão. Com a morte desse, que não lhe deixou bens ou pensão, nada mais pode do que ir morar em um dos cortiços para negros e brancos pobres, que se espalhavam pela nascente periferia da cidade.

Não foi preciso muito tempo, e Joan passou a ser chamado de seu Joan – ele pedia, para alguns, que o chamassem de Dom Joan, no que era ou não atendido. Todavia, apesar de estar muito distante culturalmente de seus vizinhos, era negro e pobre, nos anos derradeiros do século dezenove. Assim, biscateiro foi seu destino inicial; mas ao final foi ser bedel de uma das escolas superiores. Entre uma coisa e outra, foi espalhando sua verve de contador de histórias, todas muito chamativas, todavia exotéricas, pois falavam de coisas que seus ouvintes nunca haviam ouvido, mas de alguma forma podiam compreender.

Assim, dentre as suas histórias, havia um conjunto de narrativas, pequenos contos, de que gostava muito de contar, pois tinham o sobrenome de seu finado senhor e, por que não? – amigo! Eram as rivalidades entre a tribo Zegri e os Abencerrages, de Granada – dominada quase por um milênio pelos mouros de pele trigueira do norte da África. As histórias que fluíam da verve de Joan, com personagens vestidos de mouros e cruzados, coincidiam com festejos equestres que ocorriam anualmente em um arrabalde chamado Caminho do Meio.

Os nomes vêm corrompidos, mas não distam da realidade histórica, como Ramet-el-Zegri, Málaga e Castelo de Alcazar – vitórias e derrotas são contadas por um entusiasmado Joan.

Estas são histórias esparsas – muitas não têm o meio ou se lhes falta o fim, mas Joan inventa, e todos os seus ouvintes gostam, porque são simplesmente histórias, em um ambiente sem qualquer outra alternativa cultural.

Todavia, ele guarda com o carinho que devotou ao amigo e patrão falecido, uma história que tem autor definido, Jose Zorrilla. Plena de possibilidades de criação sobre a criação do autor, a história tem como personagem principal um eremita – que Joan descreve com detalhes muito cuidadosos: um homem santo, vivendo isolado, nas paragens ermas de Espanha. O eremita prevê a morte de um príncipe de nome Don Rodrigo. Este seria morto por um conde, Dom Julião – traidor, personagem sempre fácil de atrair antipatias de quem ouve. Vendeu-se, no cenário de disputas entre árabes e ibéricos, para os primeiros, a fim de facilitar a conquista da Espanha. Dom Joan leva a história a um quase fim feliz, contando, dos fragmentos da peça original de Jose Zorrilla, que Teuda – ele mesmo põe em dúvida se é Teuda ou Teseuda – mata do falso conde, e consegue convencer o príncipe Dom Rodrigo a recuperar seu trono. Ao fim, meio incerto, mas com muito gáudio e teatral tristeza, conta que anos, muitos anos e até mesmo séculos sombrios se passariam sobre a Espanha, enfim dominada pelos homens de pele escura, os mouros do norte da África.

Eram tempos, início da estruturação civil da República do Brasil, assim que as pessoas, à margem do ordenamento jurídico, sentiam-se compelidas ir aos registros públicos. Joan, estruturando sua família brasileira, não teve dúvidas em adotar como sobrenome Abencerrage.

E quando lhe nasceu o primeiro neto, com a alegria dos recém-avós, se lembrou do livro de Zorrilla que tanto amava: O Punhal de Godo.

Em 23 de setembro de 2013